

15 JUN 1996

GAZETA MERCANTIL

Educação, uma reforma que só pode vir de cima

Uma nova geração de reformadores educacionais concluiu que o "establishment" entrincheirado é incapaz de mudar de direção (apesar das constantes reuniões de alto nível) — a mudança só poderá vir de cima. É por isso que eles estão competindo pelos altos cargos da educação pública. Dois dos mais interessantes candidatos são Wilbert Smith, na Califórnia, e Lisa Graham, no Arizona.

Wilbert Smith passou 24 anos no Banco da América e cresceu na parte sul do centro de Los Angeles como o segundo de uma família de dez filhos. Seu pai saiu de casa quando ele estava com 14 anos e sua mãe passou a trabalhar de faxineira para sustentar a família. Smith continuou na escola e começou como estagiário no banco até se tornar um dos vice-presidentes. Mas nunca perdeu o desejo de melhorar sua cidade. Ele passou quinze anos como suplente de vereador, venceu

a eleição para o conselho escolar de Pasadena e foi derrotado no ano passado num acirrado pleito em que o sindicato dos professores o acusou. A razão? Ele apóia os "vouchers" (comprovantes de despesas) escolares.

Destemido, Smith agora quer ir para Sacramento como superintendente escolar estadual. Nesta terça-feira os eleitores da Califórnia escolherão dois candidatos de um amplo espectro para uma escolha não partidária em novembro. Smith no momento se mantém num firme quarto lugar nas pesquisas e está com a caixa preparada para investir na mídia, nos momentos finais. Delaine Eastin, seu principal concorrente, é apoiado pelo sindicato dos professores e pelo Partido Democrata. Nesta semana o Partido Democrata encontrou um juiz que aprovou uma mala direta dos políticos (1 milhão de unidades) em apoio a sua candidatura "não partidária".

Um dos temas de Smith é a violência estudantil, que arruina o período escolar das crianças sérias. Sua preocupação é pessoal. Seus filhos estão em escolas públicas e no ano passado o filho de seu primo — de 16 anos — morreu vítima de tiroteio na sala de aula.

Como superintendente, Smith tentaria esticar os dólares educacionais, ao permitir que os mais aplicados terminem o segundo ciclo mais cedo e usem seus fundos públicos educacionais (que são individuais) para financiar parte do curso superior. Ele mostra-se igualmente cético em relação à educação de resultados, que está sob ataques na Califórnia depois que muitos pais retiram questões de introdução na vida familiar. No vizinho Arizona, uma fonoaudióloga de 34 anos, chamada Lisa Graham, também está concorrendo à eleição de superintendente escolar.

Lisa já participa das ba-

talhas educacionais como "chairman" do comitê de educação na Câmara do Arizona. Em abril ela liderou uma luta para aprovar um plano estadual de "voucher". A medida passou na Câmara, mas foi derrotada no Senado Estadual por três votos.

Ela diz que agora está convencida e sabe por que o "status quo" combaterá de todas as maneiras as reformas significativas. Os educadores do Arizona já usam o dinheiro do contribuinte para enviar determinados estudantes a mais de cinqüenta escolas particulares no estado, mas não dão permissão para que os pais usem seu próprio dinheiro (de impostos) da mesma forma. "Os pais precisam de um advogado para os estudantes, não o sistema", disse Lisa. Como era de se esperar, o sindicato, a Associação Educacional do Arizona, promete derrotá-la em novembro. Entretanto, o sindicato poderá ter dificuldades nesse

sentido devido às acusações de que deu ilegalmente US\$ 47.500 do dinheiro da contribuição sindical aos candidatos do Senado Estadual que se opunham aos "vouchers". O governador, Flie Symington, do Partido Republicano, quer uma investigação do que ele chama de um "esquema elaborado de 'lavagem' de dinheiro". Qualquer que seja o resultado das campanhas de Smith e Lisa, elas não deixarão de ser um desenvolvimento positivo. Muito frequentemente os reformadores ficam contentes ao engajar os interesses de investidura em seus próprios termos — discutindo sobre cadeiras no deck do Titanic. Agora, pelo menos na Califórnia e no Arizona, dois candidatos estão vendo a questão por uma ótica mais clara e dando novas opções ao debate às escolas.